

2015

Rioprevidência

Gerência de Operações e Planejamento



BOLETIM DE PETRÓLEO

Ubirajara da Silva Coelho

8/4/2015



I – Cenário Internacional

A gangorra da atividade econômica global continua latente, mas a perspectiva é de melhora devido aos preços baixos do petróleo e o apoio oferecido por medidas adicionais de estímulos de bancos centrais.

A economia dos EUA continua a crescer, apesar de uma desaceleração no quarto trimestre de 2014, cresceu 2,4% na comparação anual, ante alta de 2,7% no terceiro trimestre. Mesmo com esses percalços a economia norte-americana dará o norte para a retomada de um crescimento econômico mundial mais compacto em 2015.

Na zona do euro, indicadores industriais superaram as expectativas, ancorado no bom desempenho de Itália, Espanha e Alemanha. Contribui também para a positividade o programa de estímulo do Banco Central Europeu (BCE) e praticamente a solução para crise da Grécia.

Nos países emergentes, o cenário continua o mesmo no curto prazo, onde o processo de desaceleração é visto em algumas economias, como Brasil, China e Rússia, entre outras, mas o desempenho geral continua sendo favorável.

No Brasil a economia ainda continua sendo afetada pelos desequilíbrios fiscal e externo, praticamente estagnada, inflação persistente, crise política e acrescida pela adversidade de governança da Petrobras que se espraia negativamente por setores importantes da economia.

II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de março um valor mínimo US\$ 52,69, máximo de US\$ 61,51 e média de US\$ 56,85, oscilando de forma robusta nos negócios de contratos futuros ao longo do mês.

Um fator limitador para um aumento nos preços continua sendo o excesso de oferta, sendo que os países continuam aproveitando os preços baixos para aumentarem seus estoques estratégicos. Outro indicador relevante é o aumento dos estoques de petróleo bruto nos EUA, entre 6 de março e 3 de abril, o Departamento de Energia dos EUA (DoE), registrou um aumento em torno de 7,4% passando de 448,886 milhões de barris para 482,393 milhões de barris.

Segundo a Baker Hughes o número de poços e plataformas de petróleo em operação nos EUA na semana entre 23 e 27 de março teve que de 11, para 802 poços, em relação à semana anterior. Desde outubro, quando foi registrado um pico de 1.609 poços em atividade, houve uma queda de quase 50%. Por outro lado essa redução não se traduz imediatamente em queda de produção, em meio à diminuição dos custos de perfuração e aumento de produtividade.

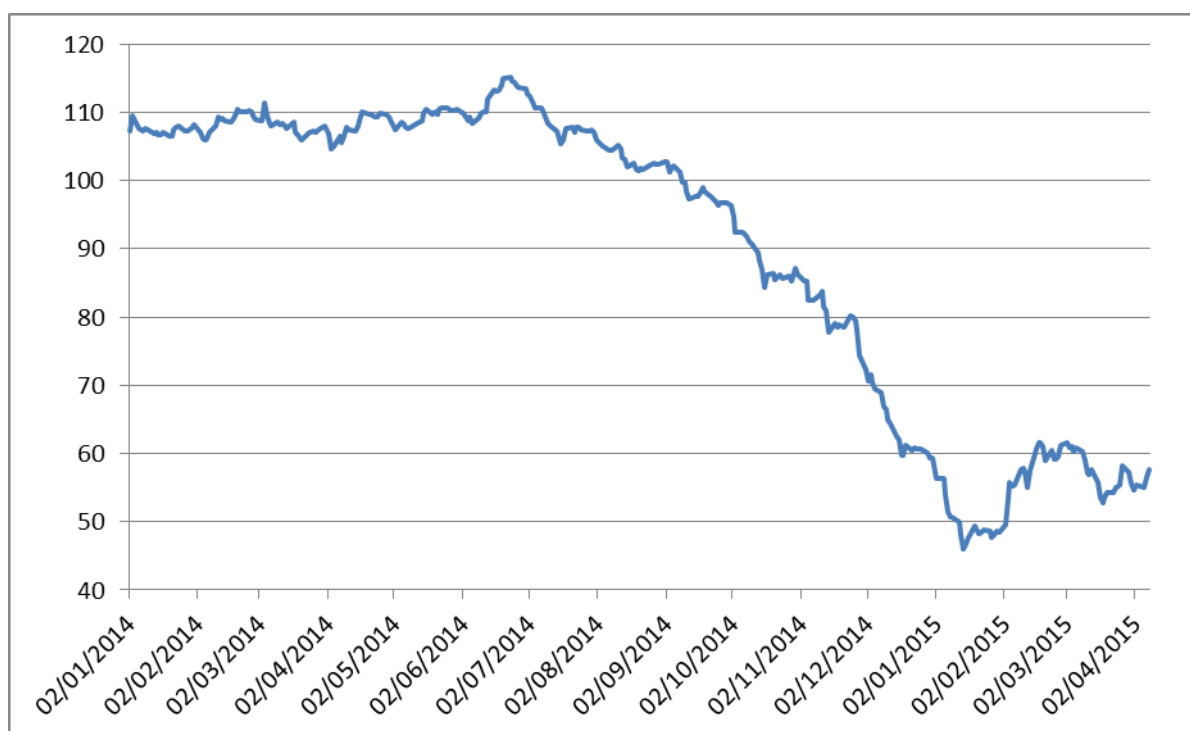
No mundo, o número total de poços e plataformas de petróleo em atividade caiu para 2.557 em março, em comparação com 2.986 em fevereiro e 3.597 em igual período do ano passado.

O presidente de companhia italiana de petróleo ENI SpA, Claudio Descalzi, repercute que o petróleo não deve voltar aos US\$ 100 o barril novamente nos próximos quatro anos, embora tenha havido um aumento positivo dos preços, a empresa trabalha com a perspectiva de os preços atingirem US\$ 80 ou US\$ 90 até 2019.

Na guerra de preços entre os produtores dos EUA e a Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep), em especial a Arábia Saudita de manter o teto da produção da *commodity*, mesmo com a queda do preço e registrando um adicional em sua produção de 0,1 milhão de barris por dia (bpd) no mês de março, ante o recorde anterior de 10,2 milhões de bpd em agosto de 2013, torna difícil uma elevação dos preços no curto prazo. A melhora dos fundamentos macroeconômicos que terão consequências positivas nas variáveis microeconômicas é que levarão a um aumento da demanda e, por conseguinte uma recuperação nos preços da *commodity*.

A queda no barril de petróleo, conforme mostra o gráfico abaixo, parece ter chegado ao fundo do poço, quando em 14 de janeiro atingiu o valor de US\$ 45,94 e a partir daí a recuperação nos mostra que o mercado procura pelo equilíbrio nos preços através da oferta e demanda em que os atores buscam reduzir a volatilidade presente nos negócios.

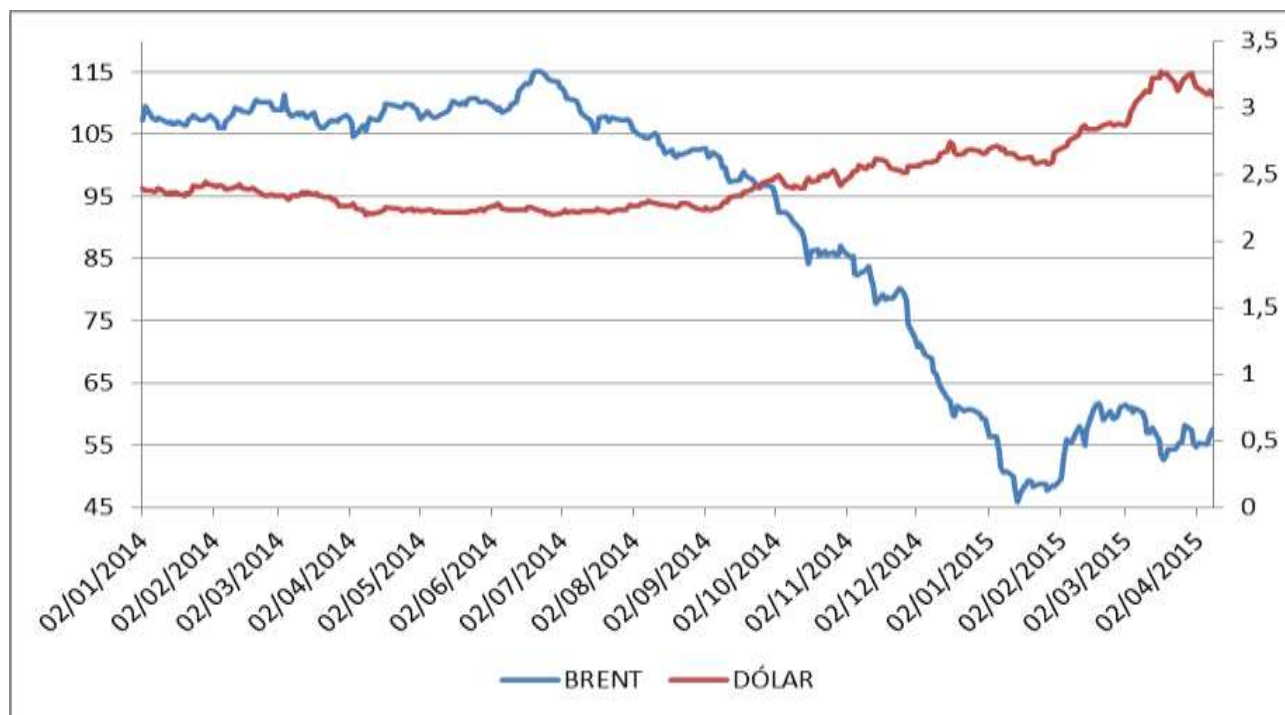
Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: GOP

O gráfico 2, o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrou uma negatividade de 0,86614 entre 2 de janeiro de 2014 e 8 de abril de 2015 que pode ser considerada uma correlação forte, pois se aproxima de 1,00, ante 0,90267 de março que é considerada muito forte. Pela primeira vez a série registra uma redução, mas a forte valorização do dólar continua sendo um fator positivo, mesmo perdendo um pouco de força em relação às cotações do meado do mês de março.

Gráfico 2: Brent X Dólar

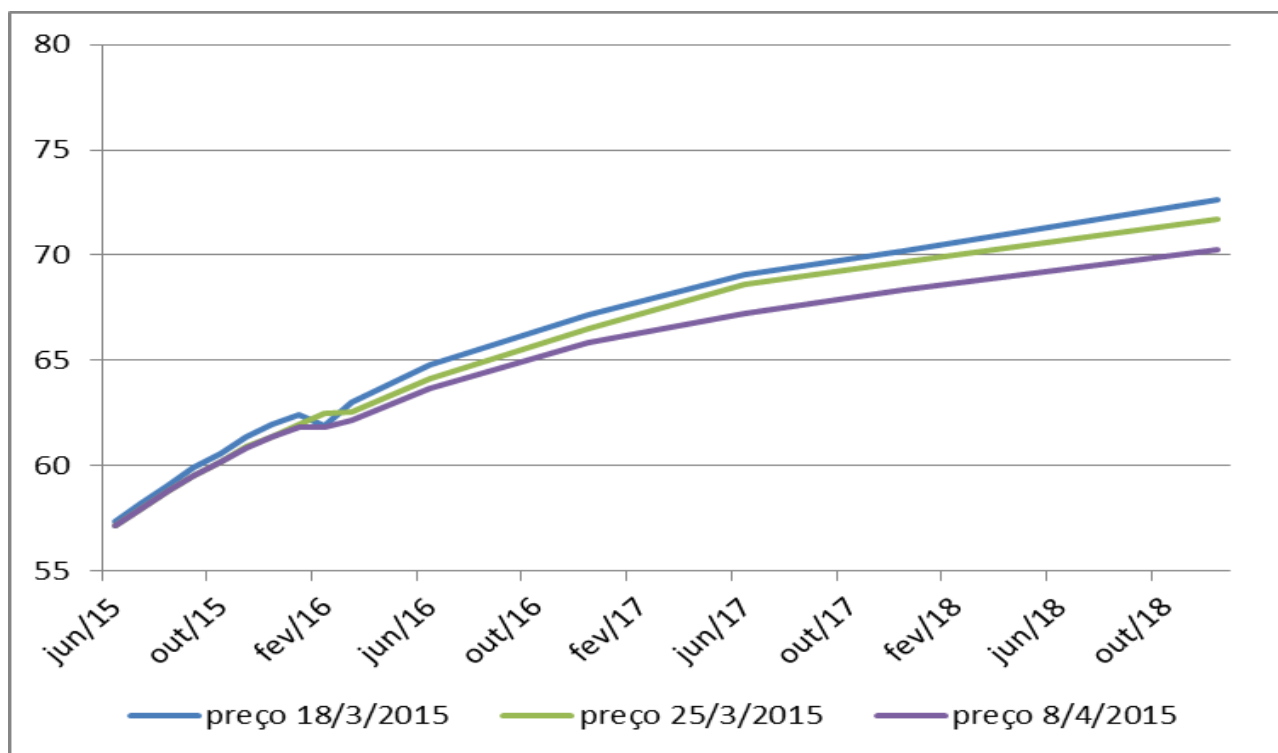


Fonte: GOP

O gráfico 3, que representa o mercado futuro dos dias 18, 25 de março e 8 de abril de 2015, e na comparação mensal mostra uma aposta por parte dos investidores no restabelecimento do viés dos preços futuros, mas não excedendo a US\$ 75, um patamar mais baixo que no mês anterior que era de US\$ 80.

Os contratos futuros de dezembro de 2018 estão limitados a US\$ 77, o que expressa uma confiança no futuro da atividade econômica, com os investidores ajustando seus parâmetros a nova ordem econômica do pós-crise de 2008, onde a redução da variável especulação se faz presente e o mercado procurando uma redução no descompasso entre a oferta e demanda pela *commodity*, o que se nota com o crescimento econômico em alguns países da Europa e Ásia, sendo o intervalo entre US\$ 70 e US\$ 80, um valor factível.

Gráfico 3: Brent - Mercado Futuro



Fonte: ICE

III - Demanda

A Agência Internacional de Energia (AIE) estima que a demanda global por petróleo este ano será acrescida em 1 milhão de bpd, significando na avaliação da entidade que haverá um acréscimo médio de 93,5 milhões de bpd. Em relação à demanda por petróleo produzido pela Opep, a AIE aumentou sua projeção em 100 mil bpd, a 29,5 milhões de bpd.

Já a Opep, em seu relatório mensal destaca que mesmo com economia brasileira praticamente estagnada, a demanda segue elevada nos segmentos de gasolina diesel e etanol, apontando entre uma das razões a maior produção de energia elétrica em termoeletricas.

IV – Oferta

A oferta global de petróleo continua excessiva, mas segundo a AIE, a produção da Opep em fevereiro recuou 90 mil bpd, devido à onda de violência na Líbia.

Segundo a agência, a produção de petróleo no Brasil deverá continuar em ritmo acelerado, mas problemas jurídicos e financeiros continuam pesando sobre a Petrobras, gerando dúvidas na capacidade de

a empresa de levantar capital a longo prazo. As recentes quedas na produção se devem a interrupções pontuais de plataformas, um movimento que não deverá seguir até o final do ano.

Já a Opep, acredita que a produção de petróleo no Brasil continuará crescendo. O cartel prevê que o ano de 2015 terminará com produção média diária de 3,1 milhões de barris por dia no acumulado no ano. O volume é 200 mil barris superior à média do ano passado. A previsão é explicada pela estimativa de aumento da produção de campos do pré-sal, como Lula e Sapinhoá.

V – Brasil

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), divulgou os dados sobre a produção de petróleo no Brasil relativos ao mês de fevereiro que alcançou aproximadamente 2,431 milhões de bpd, uma redução de 1,5% em relação a janeiro e um aumento 16,3% em comparação com o mesmo mês de 2014.

O campo de Roncador, na bacia de Campos, continuou sendo o de maior produção média de petróleo registrando no mês de fevereiro 339,2 bpd um decréscimo aproximado de 2,1% em relação ao mês anterior.

No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 656,8 mil bpd, um decréscimo de cerca de 1,9% em fevereiro ante janeiro. A produção teve origem em 45 poços ante 43 no mês anterior, um acréscimo em torno de 4,6%.

As razões para a queda da produção foram às paradas programadas para manutenção nas plataformas P-19, no Campo de Marlim e P-58, no Parque das Baleias, ambas na Bacia de Campos e do FPSO Cidade de Angra, no Campo de Lula, na bacia de Santos. A explosão na FPSO Cidade de São Mateus, no Espírito Santo, também afetou negativamente a produção.

Segundo o Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), através de seu sócio-diretor, Adriano Pires, o rebaixamento da nota de crédito da Petrobras pela Moody's, a operação Lava Jato e a queda nos preços do barril do petróleo deve gerar uma queda de 40% na receita de Estados e municípios que recebem *royalties* e “por extensão o Rioprevidencia”, deixar de arrecadar de R\$ 5,5 a 7,4 bilhões em 2015, sendo o Estado do Rio de Janeiro o maior prejudicado. A redução no repasse da receita dos *royalties* deve provocar menos investimento, corte de custeio e demissões.

O clima de tensão generalizada na economia local parece estar se dissipando de maneira lenta, mas de maneira firme, onde o governo reafirma sua política de ajustes fiscais, visando a redução dos juros e uma consequente retomada do crescimento.

O Brasil parece uma réplica da economia mundial onde o crescimento é desigual. Estudos recentes do Banco Central do Brasil demonstra a disparidade regional do Produto Interno Bruto (PIB) do País, evidenciando a região Nordeste e o crescimento do PIB de 3,7% em contraposição ao Sudeste, que apresentou uma contração de 0,8%.

Como estamos na região Sudeste, o Estado do Rio de Janeiro sofre as consequências desse encolhimento de sua atividade econômica, em que a indústria do petróleo é de vital importância para o seu desenvolvimento.

Por consequência o Rioprevidencia é afetado de forma forte em seus mais destacados ativos *royalties* e participação especial, onde se devem fazer mudanças no marco regulatório, retornando ao regime de concessão na exploração e produção de petróleo e gás natural no pré-sal e em áreas consideradas estratégicas, beneficiando os estados produtores.